



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16758 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

Processos de luta de mulheres por dignidade humana

Eliana Nóbrega de Oliveira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Elisangela Bernardes do Nascimento - UERJ/PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ e CNPq.

PROCESSOS DE LUTA DE MULHERES POR DIGNIDADE HUMANA

O trabalho resultante de pesquisa coletiva em andamento, realizada na região Sudeste, tem como objetivo problematizar como mulheres enfrentam a interdição do direito à educação e tecem nos cotidianos redes de apoio, solidariedade e afeto que sustentam sonhos e lutas pela dignidade humana. Privadas do direito à escolarização na infância, são vidas esquecidas pelas políticas públicas e invisibilizadas na sociedade. Sobre elas pesam, de modo incisivo, o patriarcado, o colonialismo e o capitalismo — todos vivenciados como marcas da exclusão que lhes rouba as infâncias e lhes impõe a necessidade de trabalhar auxiliando o sustento da família. As mazelas se retroalimentam, mantendo desigualdades sociais, econômicas e o projeto de poder sobre classes sociais subalternas.

A opção metodológica de eleger duas mulheres, dentre as cartografadas na pesquisa, valeu-se da *entrevista compreensiva* (Kaufmann, 2013), e usou lentes sobre o conceito de *sofrimento ético-político* (Sawaia, 2009) e reflexões sobre o *perigo de uma história única* (Adichie, 2019), no esforço de desinvisibilizar histórias potentes de luta e resistência não contadas nos livros.

Kaufmann (2013, p. 47) defende o processo compreensivo como método de pesquisa e a consequente necessidade de ver e entender as pessoas como “[...] depositárias de um saber importante que deve ser assumido do interior, através do sistema de valores dos indivíduos”. Busca desconstruir a barreira hierárquica com o informante e construir um compartilhamento de ideias potencializadas pela escuta sensível, como se fosse uma conversa, a partir de

aspectos relevantes emersos que o entrevistador deseja aprofundar. “Ele não é vagamente interrogado a respeito de sua opinião, mas por aquilo que possui, um saber precioso que o entrevistador não tem” (Kaufmann, 2013, p. 80).

Percebemos nas narrativas das entrevistadas marcas de *sofrimento*, sentimento coletivo oriundo da interdição do direito à educação, contraposto ao desejo de estudar. *A dor*, sentimento individual, vivido por Maria Aparecida e Maria da Penha revela o quanto a exploração do trabalho infantil rouba a dignidade da pessoa humana. Apesar da impotência e da humilhação diante de sistemas de opressão, as mulheres reafirmam cotidianamente a necessidade de *transgredir* (hooks, 2017) e encontrar brechas para realizar seus sonhos.

As histórias de vida das Marias dialogam com Sawaia (2009, p. 104), atestando que “[...] o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente, a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade”. Ainda segundo Sawaia (2009, p. 98), “[...] perguntar por sofrimento e por felicidade no estudo da exclusão é superar a concepção de que a preocupação do pobre é unicamente a sobrevivência”.

Apesar dos desafios enfrentados ao longo da vida, as entrevistadas refletem sobre a necessidade de redes de apoio, de afeto e solidariedade para cruzar fronteiras da invisibilidade e encontrar subsídios para reagir e se tornar *potência de ação* (Sawaia, 2009) na comunidade onde vivem, buscando transformar a realidade. Ao afirmar que “[...] a gente tem uma história para contar”, Maria Aparecida teoriza sua experiência, tece saberes, toma a palavra e rompe com o silenciamento que desvaloriza e desqualifica sujeitos em situação de vulnerabilidade social, assim como ela, que desse modo busca reescrever a própria história.

Maria da Penha também reflete criticamente sobre sua realidade, embora não tenha rompido com a submissão de relações de poder impostas pelo machismo que lhe perseguiu na infância, pela figura paterna, e após o casamento na vida conjugal. Na entrevista, com frequência, põe a mão sobre a boca, com receio de ser ouvida pelo marido (que trabalhava perto) e olha atentamente ao redor antes de falar, fazendo ressoar, pelo gesto, o peso do jugo opressor do patriarcado. Com um passado de negação de direitos, de ausência de apoio e de políticas públicas que atendessem suas necessidades, denuncia, em seu modo de falar, ser vítima ainda no tempo presente. Aposentada, tece seus sonhos de apoio a outras mulheres. Conhece por experiência própria o significado e dificuldades de ser mãe sem rede de apoio. Aponta a urgência do enfrentamento ao sistema de opressão que invisibiliza e nega direitos, e “[...] mutila a vida de diferentes formas” (Sawaia, 2009, p. 104).

A interdição do direito à educação sofrida por essas mulheres reverbera em muitas outras, acompanhada por interdições: à saúde, à moradia, à cultura, ao lazer, ao trabalho digno etc., marcando suas vidas. Elas lutam, tecendo ações cotidianas de superação, de resistência à anulação de direitos, demonstrando saberes potentes, talentos e força para que não se percam, violentados pela omissão do poder público e de toda a sociedade. A sutileza na diferença entre

a fala das mulheres expõe a compreensão de formas de ser e estar no mundo. Desinvisibilizar suas histórias permite que essas mulheres e muitas outras compartilhem narrativas comuns, pelo potencial de empoderamento e humanização, impedindo a hegemonia da *história única* (Adichie, 2019).

PALAVRAS-CHAVE: dignidade humana; interdição do direito à educação; humanização; mulheres.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozie. *O perigo de uma história única*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.

SAWAIA, Bader (org.). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. P. 97-118. *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.